

O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Ten Gabriel Pinheiro Pimentel



Introdução

A Cavalaria do Exército Brasileiro (EB) possui sua história entrelaçada com o uso das plataformas de combate, como na atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento (1º Esqd Rec), única tropa brasileira a utilizar blindados durante a Segunda Guerra Mundial (2ª GM), nos campos de batalha italianos, sob o comando do então Cap Plínio Pitaluga.

O objetivo deste artigo é destacar a importância das ações realizadas pelo então 1º Esquadrão de Reconhecimento durante a campanha na Itália, com o enfoque para a atuação das viaturas M8 Greyhound.

Para isso, será apresentado, inicialmente, a composição do 1º Esqd Rec e a Viatura Blindada de Reconhecimento (VBR) M8 Greyhound, com a apresentação de dados referentes a sua composição, armamento utilizado e capacidades. Na sequência, será apresentado um breve histórico da trajetória do 1º Esqd Rec até o final de sua campanha na Itália.

Ao final, será abordado o 1º Esqd Rec em combate, com um enfoque nas ações em Collecchio-Forno-vo, episódio que resultou na rendição da 148ª Divisão Alemã e remanescentes da Divisão Itália.

Desenvolvimento

Criação do 1º Esquadrão de Reconhecimento

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi criada em 9 de agosto de 1943 pela Portaria Ministerial nº 4.744, após o Brasil declarar guerra aos países do Eixo no ano anterior. A FEB foi composta pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e estava subordinada ao V Exército Americano.

A tropa de Cavalaria que foi empregada na 1ª DIE foi oriunda do 2º Regimento Motomecanizado, sediado no Rio de Janeiro. O 3º Esquadrão de Reconhecimento e Descoberta do 2º Regimento foi designado para o cumprimento da missão. O esquadrão passou a ser uma Unidade com autonomia administrativa e foi designado como 1º Esquadrão de Reconhecimento, sendo, em 9 de fevereiro de 1944, incorporado à 1ª DIE (SAVIAN, 2017).

Seu primeiro comandante foi o Capitão Flávio Franco Ferreira, que comandou o Esquadrão desde a criação, selecionando, preparando e treinando seus homens para o embarque e emprego no combate até 29 de dezembro de 1944, quando foi afastado por motivos de saúde. A partir de então, o 1º Tenente Plínio Pitaluga, subcomandante do Esquadrão à época, foi promovido ao posto de Capitão e passou a liderar o Esquadrão até o final da guerra. (VITAL, 2017)

Durante a criação da FEB, o Brasil estava inserido no contexto da doutrina militar francesa, doutrina considerada ultrapassada para o combate da época. Com o alinhamento do Brasil aos países aliados, foi assinado um termo de cooperação com os Estados Unidos da América (EUA). Dessa maneira, oficiais brasileiros foram estudar nos EUA para entender a doutrina militar norte-americana para adaptá-la e empregá-la no EB.

No Esquadrão de Reconhecimento, os brasileiros não tinham conhecimento dos fundamentos de reconhecimentos mecanizados. Viu-se a necessidade de tradução de manuais norte-americanos para conhecer essa nova metodologia de batalha. Entre eles, o “Efetivo e Dotação de Material para o Esquadrão de Reconhecimento - Tipo Força Expedicionária Brasileira”, onde são abordados a doutrina, organograma de todas as funções, composição, efetivo ideal e todo o material mínimo previsto para aparelhar um esquadrão inteiro (PITALUGA, 1947).

O 1º Esqd Rec passou a combater de acordo com a doutrina norte-americana, especializando-se nas viaturas motorizadas e sendo constituído por três Pelotões de Reconhecimento, um Pelotão de Comando e um Pelotão de Administração (OLIVEIRA, 2011). Ao total, somavam em seu efetivo 180 homens, dentre eles 12 oficiais e 17 sargentos.

O armamento individual usado por essa fração era o mesmo empregado pelos demais membros da 1ª DIE. Dentre eles, encontram-se: a carabina M1 .30 semiautomática; o fuzil de ferrolho Springfield .30; o fuzil semiautomático Garand .30; a pistola semiautomática Colt .45 ACP; o revólver Smith & Wesson .45; e as submetralhadoras Thompson .45 ACP e M3 “Grease Gun” .45 ACP.

O esquadrão possuía como armamento coletivo a metralhadora Browning nos calibres .30 e .50, além dos morteiros de 60mm e 81mm, lança-rojões e lança-chamas.

No quesito de viaturas, o esquadrão era composto de 24 viaturas $\frac{1}{4}$ de tonelada (Jeep), 05 Viaturas de Transporte Meia Lagarta (Half Track M3 e M3 A1), 15 Viaturas Blindadas de Reconhecimento M8 Greyhound, 01 caminhão GMC 2 $\frac{1}{2}$ tonelada, 01 Dodge $\frac{3}{4}$ tonelada WC 51 e 07 reboques de diversos modelos. (BASTOS, 2002).

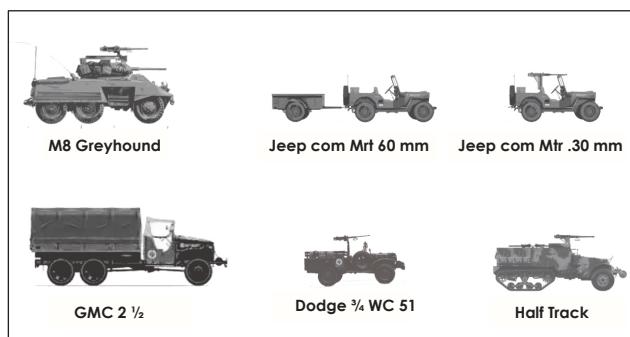


Figura 1: Viaturas do 1º Esquadrão de Reconhecimento.

Fonte: CI Bld.

A Viatura Blindada de Reconhecimento M8 GREYHOUND

Por meio do *Lend-Lease* (Lei de empréstimos e arrendamentos aprovada em 1941, que regulava a cessão de material aos países aliados que combatiam as nações do Eixo), os Estados Unidos apoiaram as nações aliadas – entre elas o Brasil – durante a guerra. Nesse contexto, o então 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB foi equipado com 15 viaturas blindadas M8 Greyhound.

Seu armamento consistia em um canhão de 37mm, e uma metralhadora .30 coaxial, além de catarinas M1 e lança-rojões, a blindagem variava de 0,8 a 1,5 centímetro de espessura e sua guarnição era de 4 homens. Possuía cerca de 5m de comprimento, 2,54m de largura e 2,25m de altura, com um peso total de 7,8 toneladas. Era equipado, ainda, com um motor Hercules JDX à gasolina, o que lhe proporcionava atingir uma velocidade máxima de 90 Km/h e uma autonomia de 565 quilômetros (BASTOS, 2016).



Figura 2: A VBR M8 Greyhound.

Fonte: 1º Esqd C L.

Essas viaturas blindadas norte-americanas começaram a ser projetadas e construídas em 1942 pela Ford Motor Company. Devido as suas características como blindado de reconhecimento, ele superou em pouco menos de três anos a linha das dez mil unidades produzidas pela Ford.

No Exército Brasileiro, o M8 norte-americano veio a substituir os T-17 Deerhound, também com tração 6X6, porém já inconvenientes e obsoletos para o uso em combate.

Com a criação do 1º Esquadrão de Reconhecimento e a dotação de 15 M8 Greyhound, o esquadrão se tornou a única tropa brasileira a utilizar blindados durante a 2ª GM, com treze viaturas sendo efetivamente empregadas e 2 dadas por indisponíveis.

O Esquadrão na Campanha da Itália

O emprego do 1º Esquadrão de Reconhecimento pode ser dividido em duas fases. A primeira de 15 de setembro de 1944 a 20 de abril de 1945 e a segunda entre 14 de abril a 02 de maio de 1945 que resultou na perseguição e rendição da 148ª Divisão Alemã. (SAVIAN, 2017).

Da chegada à Itália até abril de 1945, o esquadrão foi empregado como tropa de Infantaria, isto é, foi, praticamente, transformado numa Companhia de Fuzileiros. Não havia espaços naquela defensiva, no inverno, para que ele pudesse atuar nas suas missões típicas de reconhecimento e retomada do con-



Figura 3: Tropas da FEB na libertação da cidade de Massarosa.

Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

tato. [...] a partir de Montese foi quando o esquadrão passou a atuar conforme suas características, nas operações de Aproveitamento do Êxito e Perseguição (PITALUGA, 1947).

Durante a primeira fase, participou somente com o 2º Pelotão, que deslocou junto com o 1º escalão da FEB. Esse pelotão atuou em reforço ao 6º Regimento de Infantaria, com o objetivo de alcançar a linha balizada pelas cidades de Massarosa – Bozzano – Monte Communale – Il Monte – C. Castello (SAVIAN, 2017).

O comando do esquadrão reassumiu o 2º Pelotão na região do vale do Rio Reno, onde desempenharam a função defensiva que se estendia do rio Reno, a leste, até a linha Porreta Terme – Monte Belvedere, a oeste. No vale do Rio Reno, forças brasileiras substituíram a 1ª Divisão Blindada dos EUA.

Em novembro e dezembro, a 1ª DIE sofreu quatro derrotas nas expedições para conquistar o Monte Castello. O esquadrão teve função de destaque na terceira operação onde desempenhou função de força de proteção ao flanco direito do Grupamento de Ataque (SAVIAN, 2017).

No dia 29 de dezembro de 1944, o Capitão Flávio Franco Ferreira, comandante do Esquadrão de Reconhecimento, foi evacuado para o Brasil por motivos de saúde. A partir de então, o Subcomandante Plínio Pitaluga assumiu, o comando e foi promovido ao posto de Capitão (PITALUGA, 1947).

Com a vitória em Monte Castello em fevereiro de 1945, a FEB rompeu uma das mais difíceis posições defensivas da Linha Gótica, um complexo defensivo dos alemães, formado por fortificações nos montes Apeninos. Já em abril, foi empregada na Batalha de Montese, uma das mais sangrentas das Forças Armadas Brasileiras, por causa da topografia que favorecia os alemães, que ocupavam posições dominantes e imprimiam forte resistência nazista provinda dessa importante área estratégica (SAVIAN, 2017).

A atuação do Brasil em Montese foi muito enaltecida pelo comando militar aliado. O General Crittentenberger, comandante do IV Corpo-de-Exército Norte-Americano, declarou: “na jornada de ontem, 14 de abril, só os brasileiros mereceram as minhas irrestrita-

tas congratulações; com o brilho do seu feito e seu espírito ofensivo, a Divisão Brasileira está em condições de ensinar às outras como se conquista uma cidade” (RODRIGUES, 2016).

Após a vitória em Montese, a Cavalaria brasileira foi empregada no aproveitamento do êxito, que contribuiu com a rendição da Divisão alemã.

A Atuação do 1º Esqd Rec em Collechio – Fornovo Di Taro

Uma das mais intensas operações do esquadrão foi a Ofensiva da Primavera, quando a tropa blindada perseguiu o inimigo entre os dias 14 e 17 de abril de 1945.

Nesse ínterim, o Esquadrão de Reconhecimento cumpriu missões de reconhecimento nas saídas de Montese e no levantamento de áreas minadas.

Nos reconhecimentos, o Capitão Pitaluga ordenava que suas viaturas se deslocassem a altas velocidades, entre 70 e 80 km/h e dispersas uma das outras ao contrário do que o manual americano previa. Essa medida tinha como o objetivo dificultar a precisão dos ataques inimigos salvando, assim, a vida de seus homens. Como prova da eficiência, pode-se ressaltar que houve somente três baixas durante um ano de batalha (SAVIAN, 2017).

De acordo com Pitaluga, um carro de reconhecimento M8 foi inutilizado pelo funcionamento de uma *teller-mine* (mina antitanque alemã) durante um reconhecimento. Mesmo diante de todas as adversidades e sob muitos fogos, o esquadrão manteve os reconhecimentos até as margens do rio Panaro (SAVIAN, 2017).

No dia 26 de abril, o esquadrão partiu rapidamente para Collechio com a missão de guardar as passagens existentes no Rio Taro. O 3º Pelotão seguia na vanguarda prosseguindo pelo eixo: Proporano – Gaione – S. Martino (BASTOS, 2016).

Ao se aproximar das orlas de Collechio, o 3º Pelotão foi hostilizado por fogos de carros de reconhecimento inimigo, o que levou a resposta imediata ao fogo, com o canhão 37mm da viatura M8, enquanto o 2º Pelotão realizava o desbordamento pelo flanco esquerdo, onde também foi repelido por forte fogo inimigo.

Diante de tal resistência, o comandante do esquadrão, resolveu manter o 1º Pelotão em reserva, o 2º Pelotão tentou desbordar o inimigo pelo flanco que foi repelido por ataques de blindados e o 3º engajou-se decisivamente com o inimigo, perdendo sua capacidade de manobrar no combate (BASTOS, 2016).

Momentos após a tomada de Collechio, às 9:00 horas, o Tenente-Coronel Amaury Kruel, G2 (Oficial responsável pela Inteligência) da 1ª DIE, transmitiu verbalmente a nova missão do esquadrão:

Um destacamento de descoberta, formado por uma Companhia de Infantaria do 1º RI, pelo Esquadrão de Reconhecimento e por uma Seção de Engenharia, deverá se deslocar para a região de Castel de San Giovani para guardar a ponte do rio Pó, lançar patrulhas para Borgonoro e aprisionar elementos inimigos dispersos (PITALUGA, 1947).

Porém a ordem emitida pelo Tenente-Coronel Kruel, não foi realizada uma vez que o escalão superior impôs nova ordem ao esquadrão:

Remanescentes inimigos, abatidos em Collechio retiraram-se apressadamente pelo eixo Fornovo-Noceto. Deveis interromper missão e lançar-se imediatamente sobre o eixo Castelguelfo-Noceto-Fornovo de maneira a exterminar o inimigo, que desordenado, retira-se na direção de Via Emilia (PITALUGA, 1947).

Para cumprir aquela missão, o esquadrão partiu em duas colunas, sendo uma na flancoguarda do eixo Stradella – Belicchi – Medesano, formada pelo 2º Pelotão, e uma outra coluna com o grosso da subunidade, avançando pelo eixo Noceto – Medesano.

Na noite de 27 de abril, houve intenso patrulhamento das saídas de Felegara e do vale do rio Taro, por todo o esquadrão, que se preparava para uma investida sobre aquela localidade, que possuía o seguinte dispositivo de avanço: o 1º Pelotão pelo eixo de San André – Felegara, o 2º Pelotão no eixo Medesano-Felegara e o 3º Pelotão permanecia como reserva no eixo Medesano – Felegara.

Na manhã de 28 de abril, os 1º e 2º Pelotões não conseguiram romper as linhas inimigas de Felegara, devido à ameaça de um flanqueamento, com isso, o 3º



Figura 4: Rendição da 148ª Divisão de Infantaria Alemã à FEB, em 29 de abril de 1945.

Fonte: Arquivo Histórico do Exército.

Pelotão foi lançado no vale do rio Taro, onde a situação começou a ficar favorável às forças brasileiras, e após intenso combate, os alemães se retiraram, sendo feitos 30 prisioneiros. O esquadrão teve um óbito, o Soldado Bernardino da Silva que sucumbiu após ser atingido por fogo inimigo e uma viatura M8 Greyhound foi incendiada após ter sido atingida por projétil de um lança-rojão. A guarnição desse carro, que estava sob o apoio de outro M8, nada sofreu.

A localidade foi tomada e nossos cavalarianos se preparam para receber nova missão, dada no dia 29: “Retornar a progressão, para ocupar Croceta e entrar em ligação com o 6º RI em Fornovo, lançar elementos de captura de prisioneiros sobre Verano e estrada que passa por Rubiano.” (PITALUGA, 1947)

Em uma manobra exemplar, o esquadrão desbordou os alemães e italianos na região de Collecchio e Fornovo di Taro e impediu que os inimigos continuassem se evadindo. O comando alemão acreditava que o 1º Esqd Rec era a ponta de lança de uma Divisão Blindada.

“A noite de 28 para 29, transcorreu sem qualquer alteração e na manhã de 29 às 10 horas, quando o Esqd se preparava para continuar a missão, foi procurado por um Coronel alemão, acompanhado de um Capitão para entrar em entendimento sobre a suspensão da luta naquele setor. Encaminhados os parla-

mentares ao Posto de Comando do III/6º RI, em Collecchio, entendimentos já estavam se realizando para a rendição da 148ª Divisão Alemã e os remanescentes da Divisão Itália.” (PITALUGA, 1947).

Desta forma, o 1º Esquadrão de Reconhecimento, primeira Tropa Blindada Brasileira a ser experimentada em combate, teve significativa importância na rendição daquela Divisão inimiga, o que, só foi possível graças às características e possibilidades de nossa Cavalaria e que foram proporcionadas em grande parte pela Viatura Blindada de Reconhecimento M8 Greyhound.

Conclusão

A Força Expedicionária Brasileira, ao participar da Segunda Guerra Mundial, esteve presente em várias operações dos países aliados.

Durante a Segunda Grande Guerra, mais do que em qualquer outra época, as tropas blindadas foram colocadas em evidência, estando constantemente sob as vistas e fogos do inimigo.

De imediato, a fração de reconhecimento mostrou a necessidade de possuir em seu quadro de dotação de material, um veículo que possuisse mobilidade, proteção blindada, ação de choque e potência de fogo para que se tornasse possível cumprir missões de re-

conhecimento em solo italiano, características existentes no M8 Greyhound.

Assim, a importância do M8 Greyhound para a Cavalaria da Força Expedicionária Brasileira e para a evolução da tropa foi imensa.

Atualmente as memórias do 1º Esquadrão de Reconhecimento estão guardadas no 1º Esquadrão de Cavalaria Leve (1º Esqd C L), sediado em Valença/RJ, organização militar herdeira da história vivida por nossa Cavalaria na 2ª GM, para que gerações atuais e futuras cultuem os feitos dos nossos antepassados. ☺

1º Ten Gabriel Pinheiro Pimentel

Atualmente é o Oficial de Operações do 1º Esquadrão de Cavalaria Leve. Possui o Curso de Formação de Oficiais de Cavalaria – AMAN (2017); o Estágio Geral de Garantia da Lei e da Ordem (2017); o Estágio Básico do Combatente Aeromóvel (2018); e o Estágio de Proteção e Segurança de Autoridades (2018).

Referências

BASTOS, Expedito Carlos Stephani. Defesa: De sucata a monumento: a restauração dos blindados M-8. UFJF, Juiz de Fora, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.ufjf.edu.br/defesa>>. Acesso em: 15 Abril 2021.

_____. Ford M-8 Greyhound no Exército Brasileiro: Surge o conceito de Blindado. Juiz de Fora, 2016.(Blindados do Brasil)

1º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado. ANVFE, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.anvfeb.com.br/1esqmc.htm>>. Acesso em: 11 abril. 2021.

JACINTO, Diogo Dias. A Cavalaria da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. 2007. Monografia. Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2007.

LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Eleonor José. Introdução ao Estudo da História Militar Geral. Resende; AMAN; 2015.

PITALUGA, Plínio. História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, v. 1, p. 141-155, 2001. Entrevista concedida a Aricildes de Moraes Motta.

_____. Relatório do 1º Esquadrão de Reconhecimento/1ª Divisão de Infantaria da F.E.B.[s.l.]. S.G.M.G. Gabinete Fotocartográfico, 1947.

RODRIGUES, Celso Leite. 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado –A tropa de cavalaria da FEB.1993. Monografia. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro,1993.

SAVIAN, Eleonor José. A operação encore e a conquista de Monte Castello: Análise da relevância das ações da força expedicionária no âmbito do XV grupo de exércitos aliados. Disponível em: http://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488391055_ARQUIVO_ArtigoElonirJoseSavian.pdf. Acesso em 10 de maio de 2021.

VITAL, Pedro Henrique Guimaraes de Oliveira. Valente, atual 1º Esquadrão de Cavalaria Leve fez história na Itália na Segunda Guerra Mundial. 2017. Disponível em <http://www.2de.eb.mil.br/index.php/ultimas-noticias/329-valente-atual-1-esquadrao-de-cavalaria-leve-fez-historia-na-italia-na-segunda-guerra-mundial>. Acesso em: 02 Maio 2021.